

PIERUCCI, Antônio Flávio. *A Magia*. São Paulo: PubliFolha, 2001. ISBN:857402290X, 113p.

Diego Inácio Fernandes Vasconcellos\*

Em seu livro *A Magia*, da coleção Folha Explica, Antônio Flávio Pierucci oferece-nos o suficiente para reconhecer o que se chama *pensamento mágico* a partir de sua ocorrência tanto nas sociedades primitivas quanto nas modernas. Para o leitor não especializado, o livro cumpre a tarefa de introduzir o assunto. Magia e pensamento mágico encontram-se em nosso cotidiano nas mais banais expressões de “*cruz-credo!*” ou “*isola!*” e mesmo quando, por exemplo, em gestos, batemos três vezes na madeira para afastar algum infortúnio. A coisa não para por aí. Atualmente vivemos um momento no qual se poderia dizer *vale tudo* no sentido de manter as forças benígnas do nosso lado, ainda que, para isso, tenhamos de reconhecer que a *magia branca*, defensiva, preventiva, já nasce tensionada pela magia de ataque, ofensiva, *magia negra* previamente estabelecida. Forças ocultas são manipuladas por feiticeiros, bruxas, xamãs e toda sorte de mágicos e profissionais dos mistérios e devemos estar atentos a esse fato. *A Magia* de Pierucci será nosso guia para adentrarmos nesse universo.

Podemos optar por três distintas posturas em relação ao *magismo*: (1) aceitando-o e acreditando que seres humanos podem mover forças ocultas, pessoais ou impessoais, que de certo modo possuem eficácia; (2) negando ceticamente a realidade mágica e atribuindo à credice e ao infantilismo toda sorte de urucubacas, macumbas e “trabalhos” do tipo encantamento; ou, ainda, (3) assumindo uma postura intermediária, muito bem sintetizada no adágio popular espanhol: “*No creo en las brujas, pero que las hay, las hay*”. Esta terceira maneira de encarar o assunto é a que vemos com mais frequência, mesmo entre aqueles que supõem assumir uma atitude cética diante do caso e nutrem desconfiança diante de práticas mágicas. Lembra-nos Pierucci, no capítulo 8, ter sido esta a posição tanto da igreja católica quanto dos reformadores protestantes em relação à magia: inicialmente, para acusá-la de ser anti-religião e, posteriormente, para formular o imperativo de uma religião antimagia.

Somos trazidos, no curso da explicação, à questão da magia profissional. Seja para o bem ou para o mal, quando o caso é sério, deve-se recorrer ao auxílio de um profissional (feiticeiro, bruxo, xamã etc.) e, para entendermos esse personagem,

---

\* Graduando em Filosofia e aluno do Programa de Iniciação Científica na PUC-Campinas.

Pierucci recomenda que contrastemos a figura do feiticeiro à do sacerdote. Este é um profissional religioso comprometido com as coisas de Deus e sua intermediação com os mortais, assim como pela manutenção dos fiéis que participam das celebrações e ritos; aquele, o feiticeiro, possui características menos formais em relação à sua clientela. O feiticeiro é um *freelancer*, um técnico, capaz de reconhecer as causas mágicas intervenientes, pois para todas as mazelas, maldições, achaques e infortúnios uma causalidade fantástica é possível; para reconhecê-las, o feiticeiro deve submeter o cliente a um diagnóstico mágico. Os panfletos distribuídos nas grandes cidades propõem: “se estás passando por uma *maré baixa*, meu amigo, deve ser urucubaca, e se for urucubaca, foi alguém que a promoveu”. Nesse sentido, o magismo tem a nos oferecer uma resposta não somente acerca do tipo de maldição que recaiu sobre alguém, mas pode ajudar a reconhecer quem foi o causador – porque sempre há algum causador. Característica da magia é a de ser solução para todos os problemas.

Há razões para uma pessoa recorrer à magia: pela necessidade de controlar as circunstâncias quando as forças humanas ordinárias não dão conta; pelas curas e predições; enfim, pelas vidências e graças que o magismo pode oferecer. É importante salientar que podemos encontrar algo de mágico nas diversas religiões, umas mais outras menos desencantadas, embora não possamos identificar magia e religião.

Num todo, deve-se levar em conta que a magia, além de ser um conjunto de práticas, é regida por certas *leis*, dentre as quais Pierucci destaca como principal a da simpatia, em referência à obra *The Golden Bough: a Study in Magic and Religion*, de Sir James George Frazer (1854-1941). Todavia, essa lei pode ser subdividida em outras três, que se implicam mutuamente. (1) A lei da similaridade ou homeopática, segundo a qual devemos utilizar alguma coisa como índice correspondente para o fim desejado; Pierucci nos lembra do exemplo de um feiticeiro das ilhas Trobriand, segundo Bronislaw Malinowski em *The Role of Magic and Religion*, que esfregava a palha de um ninho de galinhas selvagens na lâmina de uma ferramenta agrícola esperando que crescessem os frutos da terra até o tamanho das aves. (2) A lei do contato (ou do contágio), que prescreve ser indispensável o toque, o contato, um resíduo corporal de outra pessoa a quem se deseja encantar (como cabelo, raspa de unha, saliva ou secreção) ou, mesmo, alguma vestimenta; um exemplo são os efeitos miraculosos da *cura pelo toque*, recurso largamente utilizado por pajés, xamãs, mães-de-santo e feiticeiros de toda sorte - o contato, neste caso, será o meio de propagação do encanto, e bastará a saliva do feiticeiro (um beijo, quem sabe?), o suor do *médium* ou ainda a fumaça do cachimbo do pajé para estabelecer a conexão. (3) A terceira lei é a do contraste ou retorno, e significa utilizar o semelhante para afastar o semelhante, por exemplo, quando

rogamos a São Sebastião (crivado de flechas) para nos livrar da peste e da doença, que, outrora, foram consideradas *setas malignas: um malefício se afasta com outro malefício*, e por aí vai.

Uma distinção curiosa que o autor aponta é entre bruxaria e feitiçaria. É interessante termos esta distinção em conta porque, do ponto de vista cristão, por exemplo, magia é sacrilégio e, no Ocidente, *progressivamente, o feiticeiro passa a ser considerado como um agente das trevas*. As bruxas também possuem a fama de tratar com demônios. Entretanto, segundo o africanista Evans Pritchard em *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*, há uma diferença entre feitiçaria (*sorcery*) e bruxaria (*witchcraft*), que se explica pelo fato de uma *bruxa já nascer bruxa*, o que permite que suas ações sejam involuntárias, enquanto o feiticeiro age sempre sabendo daquilo que faz. Conforme afirma Pierucci, de acordo com Pritchard, *enquanto a bruxa é, o feiticeiro faz*. O mau-olhado, por exemplo, é um tipo de bruxaria.

Agora, o ponto que entendemos ser de fundamental importância é a distinção, não apenas curiosa, mas *necessária*, que se deve estabelecer entre magia e religião. Magia não se identifica com religião. Por quê? Trata-se de uma distinção polar. Enquanto a magia por si tem diversas distinções internas (*magia branca, magia negra, pajelança, feitiçaria, xamanismo, bruxaria, benzeduras etc.*), entre magia e religião podemos estabelecer inicialmente a distinção de que a magia visa fins específicos (tratar *desta* ou *daquela* verruga, amarrar no amor *aquela* mulher), enquanto a religião não se pronuncia diante de nossos desejos mais imediatos e específicos; no final das contas, a religião visa a salvação, enquanto a magia oferece a garantia de seus efeitos localizados na vida da pessoa. Além disso, a magia é usada instrumentalmente e não como um fim em si, ao contrário da religião, que cumpre sua finalidade em si mesma, não obstante com vistas à salvação. Ademais, a relação do mago ou feiticeiro com as pessoas é a relação do profissional com sua clientela e, obtidos os resultados, não há razão para que o solicitante do trabalho se torne fiel a ele; enquanto que o esforço do sacerdote na mediação entre Deus e os mortais é algo que se estende, com vistas a manter um vínculo. Outro aspecto que corresponde àquilo que foi observado anteriormente mostra-nos que a magia é *associal* ou mesmo *anti-social*, enquanto a religião espera que se estabeleçam elos de convivência, ao menos durante a liturgia, entre os fiéis. Outra questão das mais importantes: enquanto a religião trata de celebrar o divino, a magia trata de coagi-lo – em função de resultados esperados. Finalmente, temos a distinção quanto aos efeitos: a magia oferece efeitos imediatos, aqui-e-agora, enquanto a religião orienta o fiel a continuar seus esforços de santificação. Dentro do mundo mágico, as palavras, na sua forma, têm vital importância, pois não poderíamos,

certamente, esperar o mesmo resultado se, ao invés de “*Abre-te, sésamo*”, disséssemos “*Abre isso aí numa vez!*”.

Diante de tais considerações, desde já, convém àquele que pretende avançar nos estudos sociológicos a precaução de não fazer confusão quanto a isto: religião é uma coisa, magia é outra. Essa distinção terminológica poderá salvaguardar certo rigor no estudo sociológico diante da poluição das superstições que do assunto pode advir. Devemos perscrutar o fenômeno do *pensamento mágico* com certa cautela e espírito investigativo. Mas, para pertencer ao universo mágico, necessariamente deve-se crer no seu efeito, assim como temê-lo. Distinguem-se religião e magia quanto a promessas que apresentam e, sobretudo, vale a pena atentarmos para a advertência que nos faz Pierucci quanto à expectativa de estarmos passando por um processo de *renascimento do sagrado*. Pelo contrário, ele diz, é mais certo estarmos passando por um afloramento do *magismo* e do *pensamento mágico*, utilitarista e de ação imediata, do que propriamente um retorno do sagrado. Estamos, portanto, diante de um dado de secularização de nossa época.

São estas as nossas considerações acerca do livro *A Magia* de Antônio Flavio Pierucci, *in memoriam*.

Recebido: 30/06/2013

Aprovado: 11/08/2013